

---

## Audácia pedagógica

*Pedagogical Audacity*

Andrea del Fuego

Universidade de São Paulo

### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a893>

### RESUMO

Trata-se de breve texto de homenagem a José Saramago feito pela escritora brasileira Andrea del Fuego, que em 2011 foi vencedora do Prêmio Saramago.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Saramago. Centenário

### ABSTRACT

This is a brief tribute text to José Saramago by the Brazilian writer Andrea del Fuego, who in 2011 won the Saramago Prize.

**KEYWORDS:** José Saramago. Centenary.

Minha primeira leitura de José Saramago foi com o livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. O impacto foi imenso, um assombro com a audácia no tema e na linguagem. Soube que Saramago achou ter lido o título do livro numa banca de jornal, andando pela rua. Ao retornar o olhar para conferir a frase curiosa, ela nada estava lá, não existia. No entanto, Saramago manteve o título tal como lhe sur-

giu, uma transparência, da mais honesta, com o próprio processo de escrita. Como se não houvesse o que esconder sobre o caminho da criação, nem sequer entender seus meandros, menos ainda endeusar a criação.

Saramago é um fotógrafo investigativo da caminhada humana, como se ele entrasse em mata fechada, saindo de lá com um punhado de narrativa viva e movente. Curiosamente, o evangelho que o título sugere não é escrito por Jesus, mas por um evangelista cujo nome não sabemos. Este narrador evangelista está muito mais próximo de Jesus do que estiveram os próprios evangelistas do Novo Testamento. O evangelista saramaguiano testemunha desde as secreções do nascimento de Jesus, as dores das carnes, até atravessar sua subjetividade em construção, quando, aos treze anos, calça as sandálias de seu pai recém-crucificado, herdando, a partir deste ponto, a cruz que será um sentimento: culpa, ou seja, consciência.

O evangelista de Saramago espalha a palavra do humanismo, do homem que não tem apenas direito, mas deveres, como bem defendeu o autor em sua noite do Nobel. Os deveres não serão cumpridos por tutores divinos ou autoridades, mas por nós mesmos. Uma consciência iluminista de nossas ações e do estado permanente de esclarecimento, de uma direção que nos leve à autonomia, esta nunca alcançada ao nível individual, se não for também coletiva.

Saramago inicia a obra descrevendo a xilogravura sacra do alemão Albrecht Dürer, ilustração que faz parte de a Grande Paixão, conjunto de doze xilogravuras sobre a Paixão de Cristo, feitas no final do século XV e início do XVI. Saramago faz uma descrição de cada quadrante da ilustração, como se oferecesse uma exposição em braile para aqueles que não enxergam a imagem. Saramago vai passando pelos personagens em primeiro plano até os figurantes ao fundo, estes só vistos por um expectador interessado na narrativa para além da grande cena central. Com este gesto, Saramago

termina o primeiro capítulo nos deixando saber que as histórias que nos são contadas são elas sempre uma representação, um desenho, uma xilogravura, uma impressão do que existe; nos faz lembrar que a representação é tornar presente o que está ausente, esse papel fundamental da palavra.

O tema é audacioso e espinhoso, o próprio narrador, o evangelista, se pergunta em dado momento sobre a razão da narrativa. Por que narrar uma história arquiconhecida? A resposta é o próprio romance. A trajetória que se afasta do esperado, tal qual Lázaro que não ressuscita, tal qual a tentação de Cristo que não é a sedução do Diabo, mas a de Deus. O sacrifício do pequeno pássaro que José e Maria ofertam ao templo, ironicamente descrito pelo narrador e evangelista que resgata neste momento o espírito volteriano, ou seja, a pergunta pela divindade como fiadora dos atos e valores humanos. O evangelista se pergunta pela razão da fome divina, um pássaro a saciaria? Por acaso, não seria essa fome o próprio medo do homem vertido em outro polo de controle: uma lei e, portanto, um castigo?

A linguagem é audaciosa, como lida desde *Levantado do Chão*, o chão da língua onde Saramago nos convida a andar descalços, a ler o mundo com a voz do mundo. Ao cravar a oralidade como o diapasão de sua linguagem, e assumi-la dali por diante, parece afirmar que a língua não está somente em algum movimento contínuo e ascendente almejando uma erudição beletrista como parâmetro literário. Em Saramago, há uma erudição na oralidade, uma erudição antes da palavra escrita, podendo ser nesta o seu reservatório, seu graal de barro como surge o grande símbolo cristão no “Evangelho”. Saramago explicita a erudição da oralidade, ou seja, uma audácia.

Neste centenário onde celebramos a vida e a obra de José Saramago, lembremos deste elemento que o autor tão bem plantou em leitores e escritores, a audácia. Ela não é só uma coragem, mas uma honestidade: a criação como mundo vivido tal qual ele é feito por nós,

numa rede humana de saberes e vozes. Herdamos de José Saramago a consciência dos deveres, entre eles, a transparência do pensamento e das ações. Vamos celebrar a literatura e seguir por gerações com a mesma coluna ereta daquele que primeiro construiu uma metáfora para conhecer o universo. Devemos muito e tudo aos que não temem as palavras.

RECEBIDO: 12/06/23 APROVADO: 12/06/23

### **MINICURRÍCULO**

**ANDREA DEL FUEGO** é escritora e mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo. É autora do romance *Os Malaquias* (vencedor do Prêmio José Saramago, 2011) publicado na Alemanha, Itália, França, Israel, Romênia, Suécia, Portugal e Argentina. Seu último romance, *As Miniaturas*, foi publicado na Argentina e na França. Autora também da trilogia de contos *Minto enquanto posso, Nego tudo e Engano seu*. Ganhou o prêmio *Literatura Para Todos* do Ministério da Educação com a novela *Sofia, o cobrador e o motorista*. Integra as antologias: *Geração Zero Zero*, *Popcorn Unterm Zuckerhut* (Alemanha), *Other Carnivals: New Stories* (Inglaterra), *Brésil 25* (França) entre outras.